

ARTE E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Pedagogia Intercultural



Editores:

Capa: Mandala “Diversidade Intercultural etnocoletiva” é de composição da artista plástica Judite Malaquias.

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Mônica Cidele da Cruz

Online - e - Impresso

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

J58a Jesus, Lori Hack de.
Arte e educação intercultural: pedagogia intercultural
/ Lori Hack de Jesus e Waldinéia Antunes de Alcântara
Ferreira. – Cuiabá: VT Print, 2020.
38. p. (Caderno Pedagógico Intercultural, 3).

ISBN:978-65-00-14573-1

1. Arte. 2. Educação. 3. Relações Pedagógicas
Interculturais. I. Ferreira, Waldinéia Antunes de
Alcântara. II. Título. III. Título: pedagogia intercultural.

CDU 7:37(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

APRESENTAÇÃO

Olá acadêmico e acadêmica do Curso de Pedagogia Intercultural, estamos ofertando a 7ª etapa, que corresponde aos estudos presenciais.

Este é o caderno **ARTE E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**, que está organizado em quatro unidades de estudo, que você acadêmico(a) irá ler e realizar as atividades solicitadas.

Ele se encontra organizado em quatro unidades:

Unidade I – Arte na educação;

Unidade II – Arte indígena como patrimônio cultural, material e imaterial;

Unidade III – Arte afro-brasileira e suas manifestações;

Unidade IV – Arte e as relações pedagógicas interculturais.

Bons estudos!

Unidade I - Arte na Educação

Olá acadêmico(a), nesta unidade do caderno, vamos dialogar sobre o que é arte e arte na educação (escolarizada). Mas para isso, iremos fazer uma apresentação breve do que é arte e um pouquinho da história da arte, tal como é apresentada nas compreensões da academia.

Assim, vamos trabalhar muito com a nossa imaginação.

Vamos nos perguntar então: O que é Arte?

Essa pergunta pode ter um milhão de respostas, pode ser, por exemplo, a manifestação por representação como desenhos, pinturas, artesanatos, esculturas, fotografias, vídeos, cinema, poesia, teatro, danças, enfim... São muitas as formas de expressarmos a arte. A arte é o uso da manifestação artística, muitas vezes, do que vivemos no cotidiano, do que sentimos, do que desejamos, do que acreditamos, das nossas crenças e culturas.

Todas as sociedades produzem arte! Elas estão presentes em diferentes lugares, nos museus, nas aldeias, nos quilombos, com os ciganos, com os povos ribeirinhos, com os pantaneiros, nas cidades, nos palcos, na televisão, nos cinemas, nas exposições culturais e também na escola. Cada grupo a manifesta conforme a sua vivência e a escola incentiva o conhecimento e o uso da arte como meio de aprendizagem do mundo e do seu próprio contexto.

Podemos compreender a arte como uma reunião das expressões artísticas de um povo, de uma sociedade e também de uma época.

A arte é um tipo de manifestação, de linguagem ancestral, ela está presente desde muito tempo no mundo. Ela é anterior à invenção da escrita, por exemplo, ao falarmos de arte como registro, com o uso das mãos para expressar o mundo pelo desenho, evidenciamos a chamada arte pré-histórica, de outra forma, podemos dizer a existência de expressões ancestrais, feitas por povos bem antigos e que ainda hoje se encontram presentes em cavernas e paredões. Essa forma de expressar compõe uma arte muito antiga.

Aqui no Brasil, elas foram encontradas antes do período da colonização, e por todo o país outras formas de artes também já existiam, como artefatos de cerâmica e outros.

Com o processo de invasão e colonização ocorrido no país, introduziram-se outras formas de expressão cultural, que foram aos

poucos demonstradas aos povos originários desta terra. Citaremos apenas alguns exemplos, entre eles, a arte barroca: esse tipo de arte foi introduzida, principalmente, pelos missionários católicos com as esculturas de santos e as pinturas em igrejas que foram sendo construídas no Brasil. Um artista reconhecido do período colonial que mostrou com as artes plásticas esse tipo de arte foi Aleijadinho, cujo nome é Antônio Francisco Lisboa.

Fig. 1 – Obra: Anjos – Aleijadinho



Fonte: <http://pinturasemtela.com.br/aleijadinho-escultor-brasileiro-nascido-em-ouro-preto-mg/>

Outro aspecto importante da arte no período colonial no Brasil são as manifestações dos povos africanos que foram violentamente escravizados e trazidos para o Brasil. Os filmes e a história mostram que todos os trabalhos realizados e as situações de açoite eram oralizados através de cantos. Ainda hoje, na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital do Estado de Mato Grosso, durante a festa do Congo, festa tradicional que sempre ocorre em julho, rememora-se o canto de dores e a dança do “chorado”, feitos pelas escravas mulheres, mães escravas, como forma de buscar a piedade pelos esposos e filhos que estavam sendo açoitados, amarrados em mourões.

É importante dizer que Vila Bela da Santíssima Trindade é uma cidade que está a 533 quilômetros da atual capital, Cuiabá. Essa cidade é tombada como um quilombo urbano, pois as famílias que lá residem e que se formaram são descendentes de negros, violentamente, trazidos do continente africano para o trabalho escravo no Brasil.

Atualmente, há 14 quilombos em Vila Bela. Segundo Censo de 2010 (IBGE), a população é de 14.493 pessoas, sendo que a população negra é de 9.690 pessoas, sem contar com outros tantos negros que vivem bem próximos a Vila Bela, bem como, muitas famílias Chiquitano.

Fig. 2 – Dança do Chorado – Vila Bela da S. Trindade



Fonte: <http://projetoparaleloquinze.blogspot.com/2011/04/danca-do-chorado-dos-afrodescendentes.html>

Depois da arte barroca, que ficou muito tempo no Brasil, veio a arte moderna, ainda influenciada pela Europa e outras formas de expressão artística apareceram pelas cidades, por exemplo, a própria construção de Brasília, com traços simples e ditos modernos, de Oscar Niemayer, nos anos de 1956 a 1961, durante o governo de Juscelino Kubitschek.

Fig. 3 – Construção de Brasília



Fonte: <http://lucinhahb.blogspot.com/2016/03/a-construcao-de-brasilia.html>

Fig. 4 – Imagem atual de Brasília-DF



Fonte: <http://www.helbaotoni.com.br/agenda-de-cursos/brasilia-df/15>

Na arte contemporânea, o que se vive é uma pluralidade de manifestações sendo reconhecidas. Houve um movimento pela diversidade, pelo reconhecimento do outro, o que fez com que nas escolas fossem introduzidos e reconhecidos outros tipos de arte.

Nas artes em geral, o que se vê são expressões artísticas do lugar onde se vive, produções que são originais e que podem utilizar

técnicas inovadoras ou ser influenciado por outros artistas, como é o caso de Sebastião Mendes (artista plástico cacerense, que pintou o mundo pantaneiro e simples, às vezes influenciado por uma grande artista brasileira, Tarsila do Amaral). O que marca a arte contemporânea, como já escrevemos anteriormente, é a liberdade artística e a aproximação com a cultura popular, com a cultura da qual fazemos parte, na nossa tradição, de mato-grossenses, de brasileiros, de indígenas, de quilombolas etc.

Abaixo, uma foto da tela de Sebastião Mendes, “O trio impecável” – homem e pássaros cantando juntos.

Fig. 5 – Obra: “O trio impecável”



Fonte: <http://sebastiaomendes.blogspot.com/>

Você deve estar percebendo na leitura que falar de arte é como falar das manifestações artísticas, das vivências, das formas de expressar o mundo e, que essas formas de expressões são tipos de linguagens, porque passam algumas informações e estas estão espalhadas por todos os lugares.

Que tipo de arte você conhece?

Quais artes são produzidas em sua comunidade?

Como a arte está na educação escolar indígena?

A arte na educação está organizada sob forma de conteúdo, de disciplina e é obrigatória no currículo escolar. Quase sempre a escola brasileira trabalhou a arte apenas considerando a arte influenciada pelo pensamento europeu, mesmo que exista uma grande produção de arte em diferentes sociedades e povos.

Isso porque com o processo de colonização e o Brasil sendo colônia de Portugal, o que se queria era fazer com que as pessoas que habitavam o Brasil fossem como eles, pensassem como eles, agissem como eles. O Brasil não é mais colônia, porém, persiste ainda um pensamento colonial em muitos de nós, o que faz com que acabemos dando muito mais importância a conhecimentos europeus.

Esse tipo de pensamento é chamado de colonialidade. Conforme Quijano (2005), a colonialidade é uma forma de legitimar a exploração de uma sociedade pela outra, ou de um povo sobre outro. Ou seja, a colonialidade constitui-se como um sistema de poder da racialização e do capitalismo.

Mesmo que esse pensamento ‘colonial’ ainda persista, existem grupos que são contrários, que pensam que precisamos conhecer com amplitude, ou seja, não conhecer apenas o que outras sociedades produzem, mas também o que a nossa sociedade local produz de arte e valorizá-la.

Considerando que o Brasil é constituído por povos originários, a arte e a cultura desses povos devem ser conhecidas e valorizadas. Assim também, a cultura afro-brasileira, pois existe uma grande contribuição da arte de origem africana para a construção do nosso país. E também é importante conhecer outras culturas, como a do Estado de Mato Grosso, do Brasil, de outros países.

Em se tratando do currículo escolar e arte, você sabia que existe uma Lei que obriga que sejam trabalhadas a história e a cultura Indígena e afro-brasileira em todas as escolas?

Trata-se da Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Essa lei orienta a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diz no seu

segundo parágrafo que os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de educação artística, de literatura e história. Ou seja, quando a escola for trabalhar artes, é preciso que aborde a arte indígena e a arte afro-brasileira, porque são formas de trabalhar sobre a literatura e a história desses grupos. Diante da respectiva lei, é preciso refletir:

Como tem sido trabalhadas as artes indígena e afro-brasileira em escolas indígenas?

Falar de arte na educação escolar é importante, pois está presente dentro do currículo escolar. E mais importante é nos perguntarmos: Como ela é trabalhada?

A arte na educação escolar é um meio de expandir os nossos olhares para o mundo e, ao mesmo tempo, reconhecer a arte produzida em nossas comunidades e nas aldeias em que vivemos.

Ao ministrarmos aulas abordando a riqueza que existe em produções artísticas, suas histórias, seus significados em cada tempo e para cada grupo tradicional ou artistas do mundo, estaremos possibilitando que os estudantes tenham a oportunidade de interagir com os conhecimentos específicos que envolvem as diferentes formas de arte, podendo exercitar seu próprio fazer, bem como, refletir sobre as manifestações artísticas de sua sociedade e de também de outras sociedade (BRASIL,1999).

Enfim, falar de arte é falar de muitas coisas e você vive em um mundo repleto de artes. Assim, encerramos a nossa primeira unidade e na próxima, dialogaremos sobre a arte indígena como patrimônio cultural.

Unidade II - Arte Indígena como patrimônio cultural, material e imaterial

Já dissemos na unidade anterior que a arte se manifesta em todas as sociedades e como podemos ver, ela esteve presente também, em sociedades e tempos antigos, através de traços da arte pré-histórica.

Esse tipo de manifestação ficou conhecida como arte rupestre. A arte rupestre foi feita pelos ancestrais e expressam a cotidianidade, a ritualística, os mitos, as crenças dos povos indígenas, a exemplo da caverna Sagrada Kamukuwaká, do Alto Xingu (Fig. 6), lugar de grafismos rupestres antiquíssimos, mas que infelizmente, muitas vezes é desrespeitada. A caverna Kamukuwaká foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no ano de 2006, através do Processo IPHAN T1535-MT.

Fig. 6 – Arte rupestre na caverna Kamukuwaká – Paranatinga-MT



Fonte: <https://landportal.org/pt/blog-post/2019/01/o-poder-da-caverna-sagrada-kamukuwak>

Há muitas outras artes rupestres espalhadas pelo Brasil, inclusive, algumas ainda não encontradas ou não reconhecidas.

**Na sua comunidade, no seu território existe arte rupestre?
Qual a história escrita nos rochedos, nas cavernas, quais são
os seus significados?**

Esse tipo de arte é muito importante porque está ligada aos nossos ancestrais. Mas, existem muitas outras expressões artísticas e no nosso país há uma grande diversidade. Isso está ligado aos diferentes grupos que residem no país. Não apenas grupos dos povos indígenas, mas de muitos outros.

O Brasil é formado por vários grupos, pelos povos originários e outros povos, que aos poucos e de diferentes maneiras foram habitando essa terra. Então, há no nosso país diferentes grupos étnicos e culturais:

[...] os povos indígenas, os descendentes de povos africanos, os imigrantes japoneses, italianos, portugueses, espanhóis, poloneses, entre outros, e seus descendentes. Assim, encontram-se em nosso país não só várias línguas, religiões, formas de organização social, visões de mundo, mas também diferentes produções artísticas (BRASIL, 1999, p. 287).

Portanto, há uma infinidade de expressões artísticas e cada uma delas representa um determinado grupo. No entanto, é preciso dizer que a arte nas sociedades indígenas ocupa o espaço da vida, ou seja, ela está presente em momentos que são específicos e diferentes a cada povo indígena.

De acordo com Brasil (1999), essa arte é manifestada de diferentes maneiras estando presentes nos lugares em que moram, na produção dos artefatos, nas práticas guerreiras, nas suas lutas, na construção de suas moradias, na produção dos enfeites das mulheres e homens, na produção de alimentos, nas danças, também na forma com que se organizam social e cultural.

Sabemos que em cada povo e comunidade, as pessoas desenvolvem saberes específicos e isso, também, no sentido da arte. Há os cantadores, os tocadores de flautas, os artesãos, os produtores de canoas, de roupas tradicionais, enfim, existem uma preparação e significados de cada povo para a ocupação dessas habilidades dentro das suas respectivas comunidades.

Para a produção desse patrimônio cultural, é preciso conhecer o lugar de onde se retira a matéria-prima, o tempo de coleta, os rituais usados na coleta do material e também conhecer a técnica de produção, ou seja, a tecnologia indígena empregada na produção

da respectiva arte.

É importante observar que toda arte indígena é patrimônio material e imaterial. Patrimônio material é tudo aquilo que importa e é construído por um povo e imaterial são os significados, os sentidos que existem, é o que envolve a cosmologia, a tradição, a ancestralidade de um povo, isto é, constitui a cultura do povo, como nos explica Ferreira (2014, p. 61):

A cultura é um sistema conector e complexo não é conjunto de elementos da vida de um povo, não é a classificação de critérios sob o olhar do outro ou mesmo combinações de elementos culinários, agricultura, artesanatos, cosmologia, plumarias, hábitos. Como diz Melatti (1983), não se trata apenas da soma de costumes, crenças e técnicas, mas da relação que esses elementos mantêm entre si. É essa conectividade relacional e viva que produz significações muitas vezes não alcançadas por aqueles que dela não fazem parte.

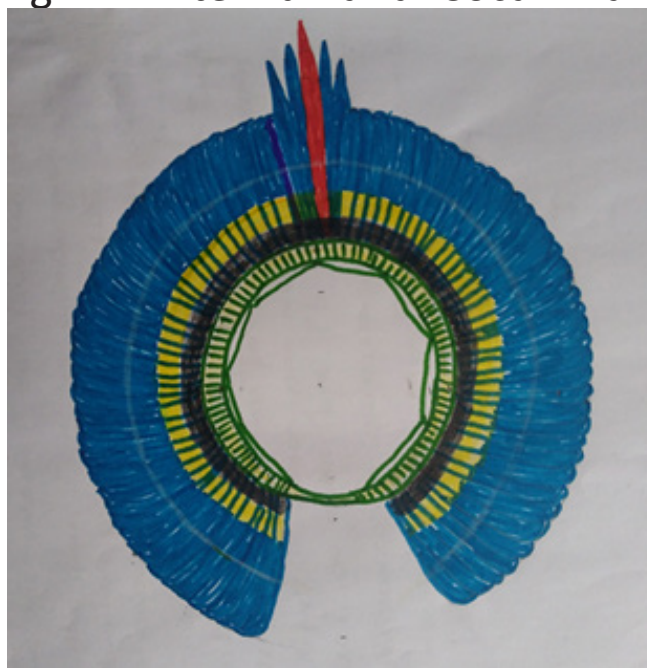
Toda cultura imaterial está associada à produção da arte material dentro das comunidades indígenas e, ainda que digamos que existem os especialistas em cada tipo de arte, praticamente, todas as pessoas da comunidade praticam algum tipo de arte, pois, a arte quase não se separa da vida, das aprendizagens cotidianas.

Por exemplo, há pessoas especialistas em fazer cocar, essas pessoas os produzem com conhecimento e sabem que o uso dele está associado a uma função dentro da comunidade, ou política, ou ritualística. Produzir conhecimentos sobre esses significados podem fazer parte da escola, desde que seja dialogado com a comunidade e se a mesma compreender ser interessante a inclusão em forma de conteúdo escolar.

Existem vários tipos de artes indígenas e apresentaremos algumas:

Arte plumária: É uma técnica muito antiga e é feita por várias etnias brasileiras, os objetos são confeccionados com penas e plumas de aves. As penas e as cores utilizadas tem significados conforme cada povo. A arte plumária é usada em cocares, braceletes, brincos etc.

Fig. 7 – Arte Plumária: Cocar Arara



Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenho: Javanês Arara

Grafismos: Os grafismos são traços que dizem respeito à própria cultura e são usados em vários artefatos, como bancos xinguanos, cestos, peneiras, esteiras e pinturas corporais. Apresentamos alguns desenhos de grafismos produzidos pelos estudantes da Pedagogia Intercultural.

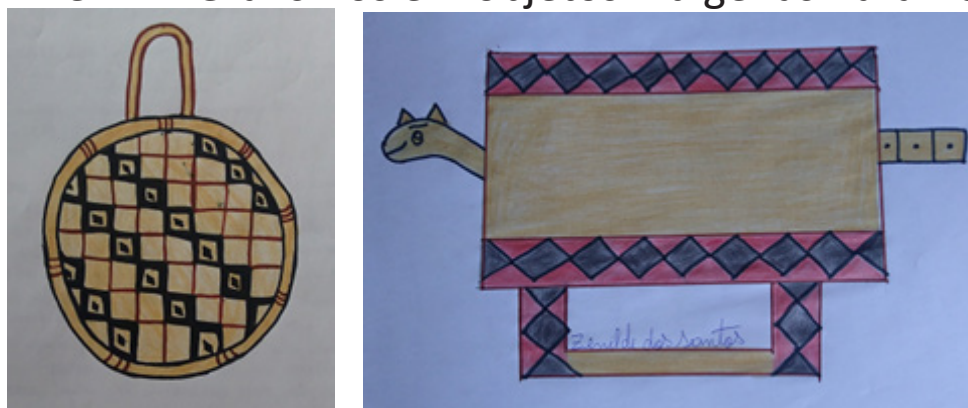
Fig. 8, 9 e 10 – Grafismos em objetos indígenas Kawaiiwete, Munduruku e Chiquitano



Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenhos: Owá Kayabi, Maria Valdenize Sau Munduruku e Suzilene Urupe Chue

Fig. 11 e 12 – Grafismos em objetos indígenas Kurâ-Bakairi

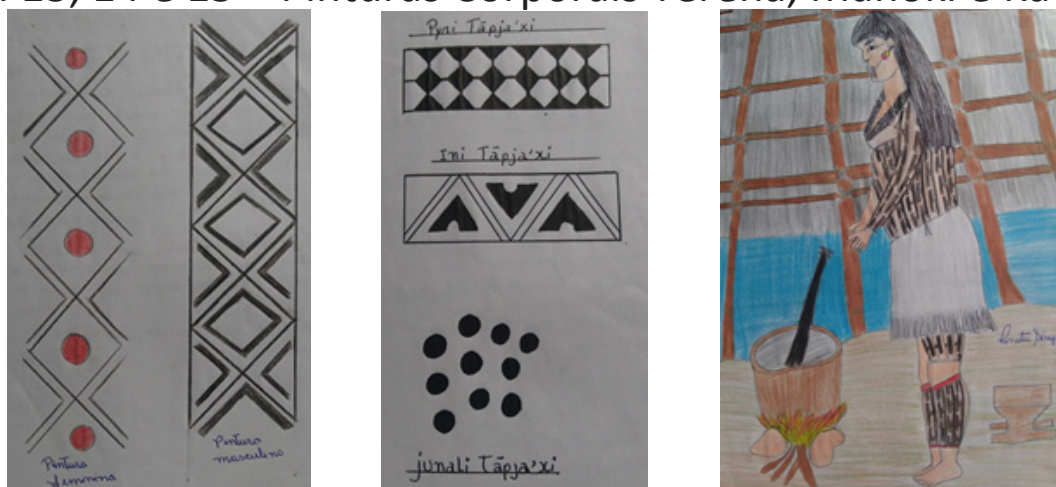


Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenhos: Valquiria Apanumagalo e Zenilde dos Santos

Pintura corporal: Como o nome já diz, são pinturas feitas nos corpos das pessoas, homens, mulheres, jovens e crianças. Feitas a partir de substâncias retiradas de vegetais, como jenipapo e urucum e representam uma manifestação cultural. São feitas por povos indígenas, mas também por outros povos, como os africanos. O uso da pintura corporal tem sentido correspondente à idade, a um ritual ou uma situação, ou seja, as pinturas são para usos específicos, como: festa, luta, casamento, pintura de homem, de mulher, de criança.

Fig. 13, 14 e 15 – Pinturas Corporais Terena, Manoki e Kayabi



Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenhos: Raquel Gomes Reginaldo, Danielle Cristiane Naasi Olaizairoce e
Renata Sirajup Mendes Tamaná

Arte arquitetônica tradicional indígena: As casas tradicionais são construídas por especialistas nas suas comunidades e para cada tipo de casa é utilizado um tipo de matéria prima. A casa tradicional pode ser para morar, ou ter um objetivo específico, por exemplo, no povo Myky existe a casa dos homens que é frequentada apenas por eles. Há também a casa das máscaras sagradas do povo Bakairi.

Fig. 16 e 17 – Casa Tradicional Haliti-Paresi e Xavante

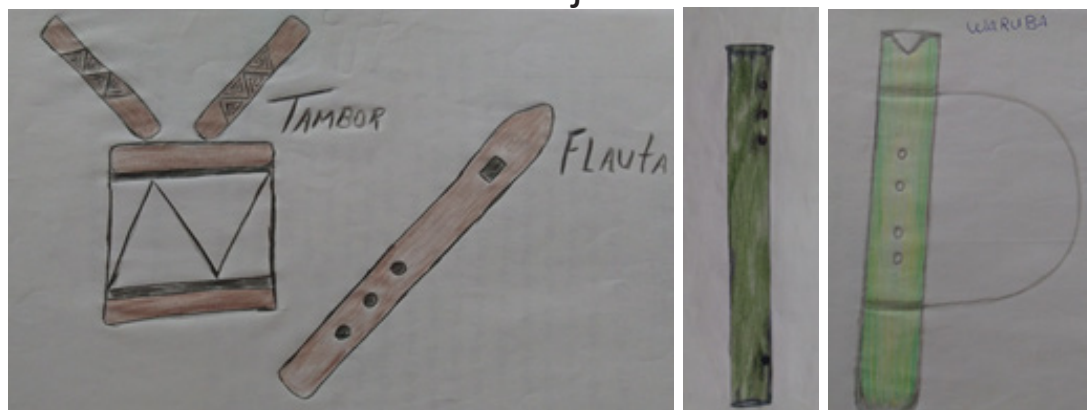


Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenhos: Alessandra Zezezokenazokero e Florestino Warwi Tsiewaadi

Arte de produzir instrumentos musicais: Muitas comunidades indígenas produzem os seus próprios instrumentos, por exemplo, os Xinguanos tocam a flauta durante o Kuarup, uma festa ritual de despedida dos mortos. Os Juruna/Yudjá também tocam uma flauta chamada ãwã pãrẽ nos momentos de manifestação cultural. Os Chiquitano fazem flautas e tambores para tocarem e dançar o Curusé. E muitas outras etnias como os Kawaiwete utilizam chocalhos durante suas danças. Também podem ter em seus corpos miçangas, chocalhos de pequi amarrados nos tornozelos, por exemplo, para produzirem sons rítmicos. Ainda usar o próprio corpo na produção da sonoridade.

Fig. 18, 19 e 20 – Tambor e Flauta Terena e Flauta Tradicional Yudjá

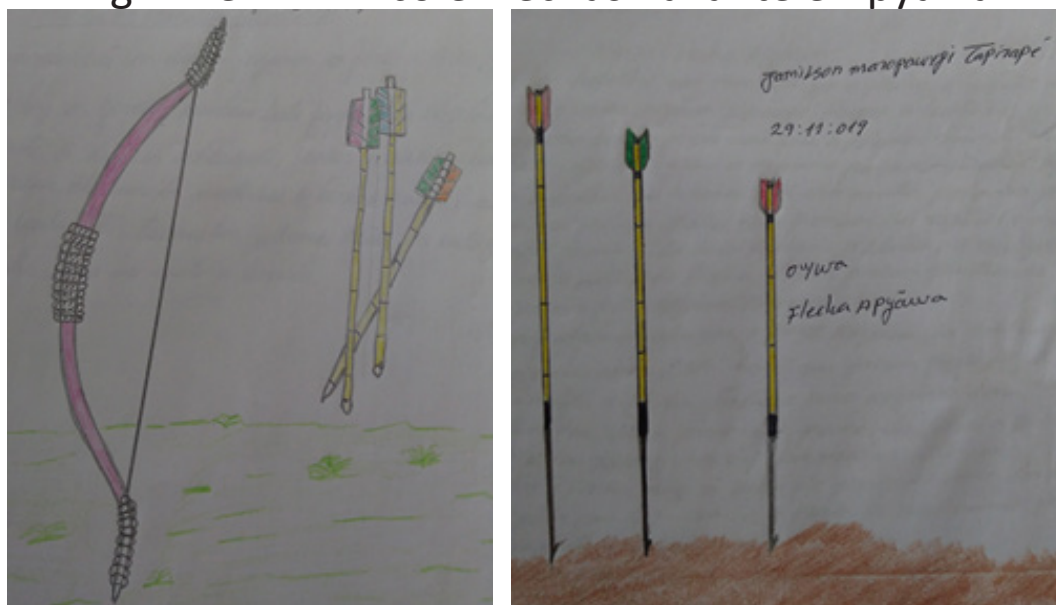


Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenhos: Dalmir Jorge da Cruz, Charadu Juruna e Marrurimã Juruna

Artesanatos indígenas: Artesanato é tudo que é produzido pelas mãos do artesão ou da artesã indígena, é a manifestação da cultura e da cotidianidade dos povos originários.

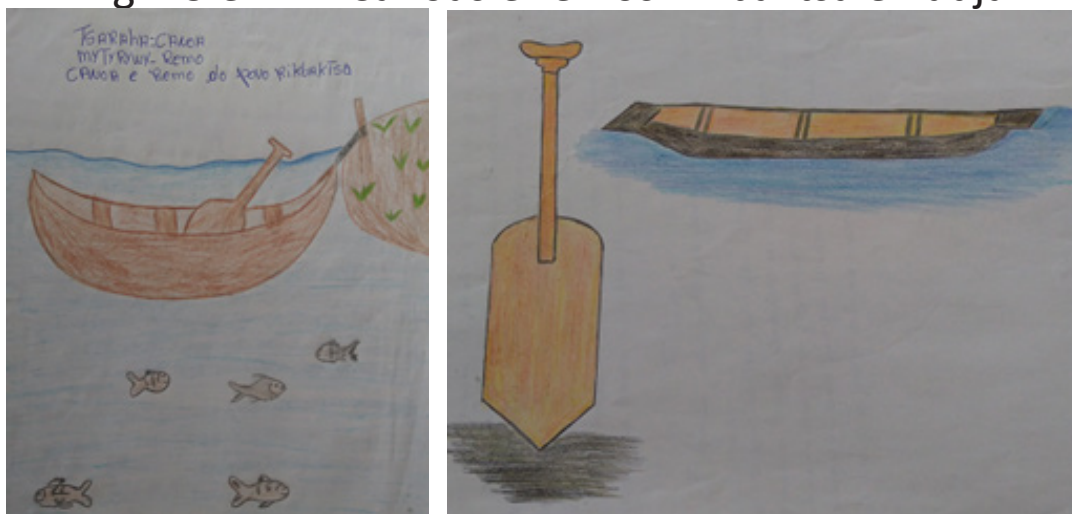
Fig. 21 e 22 – Arco e Flechas Xavante e Apyãwa



Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenhos: Augusto Tsere'rai're Aba're e Jamilson Maropawygi Tapirapé

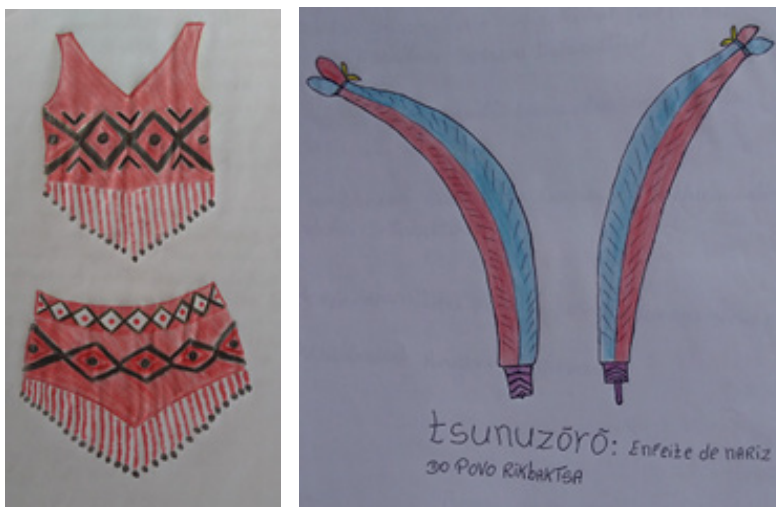
Fig. 23 e 24 – Canoas e remos Rikbaktsa e Yudjá



Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenhos: Genilsa Yana Waintsu Nambiquara e Yakarewa Juruna

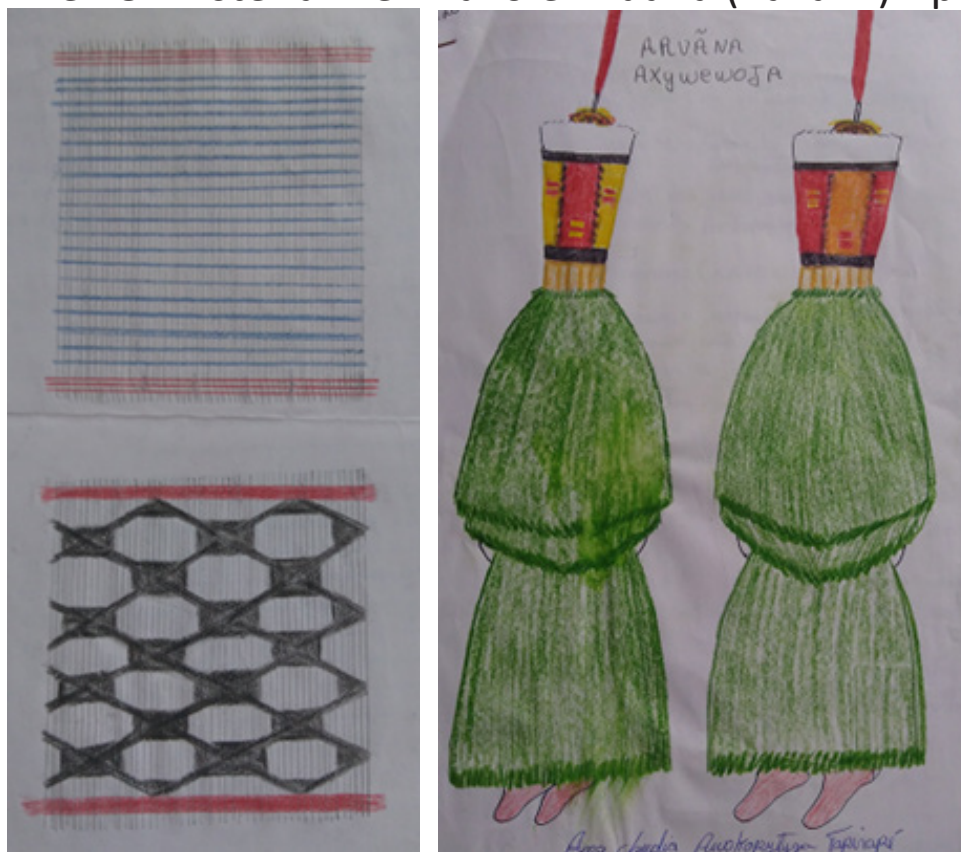
Fig. 25 e 26 – Vestuário Tradicional Terena e Enfeite de Nariz Rikbaktsa



Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenhos: Inês Duarte Rondon e Anginildo Zikbomy

Fig. 27 e 28 – Esteira Mehinako e Aruanã (Xakawi) Apyãwa



Fonte: Arquivos Jesus (2020)

Desenhos: Ayue Meynako e Ana Cláudia Awokopytyga Tapirapé

Arte de dançar: As danças culturais tem ritmos e cadências próprias e, dançar nas comunidades indígenas, vai além do que manifestar cultura. Dependendo do povo indígena a dança tem na atualidade dois objetivos. O primeiro que é de viver a manifestação cultural dentro das suas comunidades, como crença e tradição e o segundo de demonstrar para outros povos e grupos não indígenas a expressão cultural do seu povo.

Fig. 29 – Apresentação cultural do Povo Kawaiwete, da Aldeia Tatuí, no VI Kalunga – Juara-MT



Fonte: Arquivos Jesus (2017)

Atividade:

Agora que você já leu na unidade II, um pouco sobre arte indígena, escolha uma arte da sua comunidade, desenhe e escreva em um caderno sobre ela. Detalhe no seu desenho as explicações da cultura, evidenciando o aspecto material e imaterial da arte.

Unidade III - Arte afro-brasileira e suas manifestações

A arte afro-brasileira é manifestada de diversas formas e ela se espalha por todo o país. Mas o que é arte afro-brasileira? Pode-se dizer que é uma arte criada a partir da sabedoria dos povos negros no Brasil, também é uma arte que tem seu princípio na África, no entanto, ressignificada em terras brasileiras. Iniciaram nos casarões dos senhores de engenho, quando os negros dançavam e/ou jogavam sua arte capoeira. Ou quando faziam rituais.

Tudo o que faziam era escondido, pois ao serem trazidos de suas terras “[...] não podiam nada levar, deixavam tudo, inclusive, suas famílias, ou quando vinha a família eram separados uns dos outros. A sua cultura, impressa no corpo, na alma era para ser esquecida [...]” (PAIVA, 2007, p. 45).

Ainda segundo, Paiva (2007), existem hipóteses sobre a criação da capoeira. Contam e defendem alguns estudiosos que ela foi criada no Brasil, que foi pelos negros bantos, naturais de Angola. Mas, ainda existe outra hipótese de que a capoeira é toda Africana.

Talvez a expressão afro-brasileira mais conhecida seja a capoeira. Na capoeira perfaz-se um conjunto artístico de gingado, luta, dança e cantos cadenciados com palmas na mão. Muitos cantos da capoeira falam da época da escravidão e do sonho de libertação, como podemos ver na cantiga “Quebrando as correntes”, uma composição de Valberson Paiva Floriano (Maciço _ Grupo Centro Cultural Aruande Capoeira), feita em julho de 2017 e publicada no VI Kalunga:

O grito que vem da senzala é meu, a sombra no meio das matas sou eu, sou eu quebrando as correntes que um dia me amarrou, pra fugir do cativeiro e do açoite do feitor. (coro) O grito de sofrimento que na senzala ecoou, depois de um dia de trabalho, gritei de tristeza saudades e dor. (coro) A sombra no meio da mata, era o negro na capoeira, que se esquivou da chibata dando ponta pé cabeçada e rasteira. (coro) A corrente que amarrou o negro é lembrança de um tempo amargo, salve a nossa capoeira que deu liberdade ao negro escravo. (coro). (FLORIANO, 2017, p. 4).

A capoeira ficou sendo reconhecida como patrimônio cultural e imaterial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para

a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) por ter sido reconhecida historicamente como o símbolo de resistência dos escravos.

Fig. 30 – Roda de Capoeira, participação no VII Kalunga, em Juara-MT



Fonte: Evento VII Kalunga, 2018

Uma das danças que sempre está presente nos grupos de capoeira é do Maculelê. Para que seja dançada, é importante que se façam pinturas corporais representando os povos tribais negros. A dança do Maculelê é feita com bastões na mão, conforme Biancardi (1989, p. 33),

O Maculelê não possui somente uma matriz puramente africana, mas que sofreu ligações com a cultura indígena [...]”. Atualmente, a música é batida no atabaque com coro de vozes e batidas de bastões. A dança ocorre como se estivesse acontecendo uma luta.

Fig. 31 – Apresentação do Maculelê no VII Kalunga, Juara-MT



Fonte: Evento VII Kalunga, 2018

Outras manifestações ainda são o samba de roda (Fig. 32), que

é um tipo de música e dança muito comum no recôncavo Baiano, praticado, sobretudo, por afro-brasileiros.

Fig. 32 – Samba de roda



Fonte: <https://bahialigada.com.br/samba-de-roda-do-reconcavo-baiano-passa-a-ser-patrimonio-imaterial-do-estado/>

No Rio de Janeiro, uma manifestação que na atualidade é caracterizada como sendo dos povos negros, é o carnaval. Sua origem na realidade é de Portugal, quando iniciou era uma manifestação de zombaria que era realizado dias antes da quaresma, por isso, o carnaval antecede a quaresma, até hoje. O carnaval de hoje era o entrudo do passado. Abaixo, o quadro do século XIX, representando a realização do entrudo no Rio de Janeiro.

Fig. 33 – Entrudo



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval-no-brasil.htm>

O entrudo foi se transformando em bailes de máscaras, com marchinhas de carnaval, organizado pela elite social do Rio de Janeiro. O samba surge apenas por volta de 1910. O carnaval foi se popularizando e, na década de 1920, surgiram as primeiras escolas de samba, que eram de origem popular.

Elas se organizam e constroem um samba enredo que apresenta à população brasileira uma temática social, cultural e/ou política. No carnaval de 2017, a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense do Rio de Janeiro trouxe o enredo “Xingu, o clamor que vem da floresta” e, nesse carnaval, várias lideranças do Xingu estiveram presentes (Fig. 34).

Fig. 34 – Lideranças Xinguanas no carnaval de 2017



Fonte: <https://www.survivalbrasil.org/>

Autores do samba: Xingu, o clamor que vem da floresta: Moisés Santiago, Adriano Ganso, Jorge do Finge e Aldir Senna.

Intérprete: Arthur Franco.

Link de acesso:

https://www.youtube.com/watch?v=k3QV28luAvc&ab_channel=maravillatropical

*Brilhou a coroa na luz do luar!
Nos troncos a eternidade a reza e a magia do pajé!
Na aldeia com flautas e maracás
Kuarup é festa, louvor em rituais
Na floresta, harmonia, a vida a brotar
Sinfonia de cores e cantos no ar
O paraíso fez aqui o seu lugar
Jardim sagrado, o caraíba descobriu
Sangra o coração do meu Brasil
O belo monstro rouba as terras dos seus filhos
Devora as matas e seca os rios
Tanta riqueza que a cobiça destruiu!*

*Sou o filho esquecido do mundo
Minha cor é vermelha de dor
O meu canto é bravo e forte
Mas é hino de paz e amor!*

*Sou guerreiro imortal derradeiro
Deste chão o senhor verdadeiro
Semente eu sou a primeira
Da pura alma brasileira!*

*Jamais se curvar, lutar e aprender
Escuta menino, Raoni ensinou
Liberdade é o nosso destino
Memória sagrada, razão de viver
Andar onde ninguém andou
Chegar aonde ninguém chegou
Lembrar a coragem e o amor dos irmãos
E outros heróis guardiões
Aventuras de fé e paixão
O sonho de integrar uma nação*

*Kararaô, Kararaô, o índio luta pela sua terra
Da Imperatriz vem o seu grito de guerra!*

*Salve o verde do Xingu, a esperança
A semente do amanhã, herança
O clamor da natureza a nossa voz vai ecoar
Preservar!*

Há manifestação da cultura afro-brasileira por todo o país. Em Mato Grosso, talvez, a manifestação mais conhecida é a festa de São Benedito, onde se dança o Congo e o Chorado, acontece em Vila Bela da Santíssima Trindade. Ocorre a missa em louvor a São Benedito e, em seguida, acontece a dança do Congo e do Chorado, tudo em frente à igreja. Repica-se o sino e muitos folgedos dão início às danças.

A dança do Chorado: Na sua origem, era empregada pelas mães ou esposas escravas, como um dos artifícios da luta pela liberdade dos seus filhos ou esposos, quando eram duramente castigados ou condenados à morte pelos seus patrões. Dançavam com algum objeto na cabeça (pedra, lata d'água, pedaço de madeira etc.) e um lenço amarrado no pescoço. Usavam de todos os movimentos possíveis do corpo para mostrarem sensualidade e destreza, como uma forma de agradar aos seus patrões e alcançarem seus objetivos (Lima, 2000, p. 61-62).

Fig. 35– Dança do Chorado – Vila Bela da Santíssima Trindade-MT



Fonte: http://www.jornaloeste.com.br/noticias/exibir.asp?id=33687¬icia=reportagem_reconta_a_historia_de_vila_bela

O congo ou congada é música cantada em diferentes lugares do país, em festas populares, geralmente dramáticas, homenageando santos da igreja católica.

Em Vila Bela da Santíssima Trindade, a dança do Congo, como parte integrante da festa de São Benedito e com o objetivo primordial de prestar homenagens a este santo, ela mostra-nos a luta simbólica dos reinados negros travada entre o Rei do Congo e o Rei de Bamba. Em outras palavras, a dança é a representação da disputa pelo poder entre o reinado e a comunidade negra escrava. O reinado é representado pelo Rei do Congo, Secretário de Guerra e o Príncipe, e a comunidade, pelo Embaixador do Rei de Bamba e seus vinte e quatro soldados. O enredo da dança, em Vila Bela, está centrado numa carta entregue pelo Embaixador ao Rei do Congo, em que o Rei de Bamba pede a filha do Rei do Congo em casamento. O Rei acha isso muito provocador e manda prender o Embaixador. Em seguida, ordena ao Secretário que declare guerra ao Rei de Bamba. O exército do Rei de Bamba é vencido, e os seus soldados passam a integrar o exército do Rei do Congo (Lima, 2000, p. 67).

Fig. 36 – Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade



Fonte: <https://www.cidadaocultura.com.br/vila-bela-da-santissima-trindade-a-festa-do-congo/>

A cultura negra está em muitas manifestações artísticas, que não são as evidenciadas. Elas estão nas danças, músicas e festas, mas também na culinária e literaturas que contam e falam sobre o povo negro, principalmente, com a finalidade de enfrentar preconceitos.

Indígenas e negros foram interpretados durante muito tempo como animais e, por isso, foram explorados de diferentes formas. Mesmo reconhecendo a riqueza cultural desses povos, muitas vezes, a política brasileira não os reconhece, fazendo com que muitos direitos não sejam acessados. Por isso, é importante, que todas as escolas indígenas e não indígenas conheçam as realidades dos diferentes grupos brasileiros.

Unidade IV - Arte e as relações pedagógicas interculturais

Acadêmicos e acadêmicas, para falar de arte na escola é preciso compreender que se trata de uma disciplina obrigatória e como todo currículo, um espaço de disputa sobre para quem ensinar, o que ensinar e como ensinar.

Entender que a arte é uma manifestação que contempla a diversidade e que existem vários tipos é interessante!

Assim, ensinar e aprender arte na escola é um movimento de reconhecimento da cultura em diversos aspectos e diferentes linguagens, e mais do que isso, é também compreender que está em todos os lugares.

A arte pode transmitir os costumes, as crenças, as tradições, as inovações daquilo que é novo na sociedade, os sentimentos, sonhos, desejos, enfim... a arte é também falar de si mesmo, poetizar o mundo, fazendo poesias, histórias, cantos, danças que surgem e que também fazem parte da ancestralidade.

Falando de arte na escola: Que tipo de arte faz parte da escola indígena? A arte é trabalhada na perspectiva intercultural?

Que espaço existe no currículo escolar para trabalhar a arte do seu povo? E de outros grupos indígenas, ou não?

Trabalhar a arte na perspectiva pedagógica intercultural pode ser o reconhecimento da existência de diferentes grupos. Assim, investigar outras culturas é reconhecer a existência de outras culturas, de outros povos.

Podemos dizer que a arte de cada povo, das sociedades são constituídas e se apresentam em forma de linguagens: visual, corporal, musical e teatral.

Linguagem visual: Essa linguagem geralmente é produzida por imagens, que são vistas, observadas por outras pessoas. Elas são produzidas por diferentes técnicas e estão disponíveis nas sociedades em geral. São classificadas como imagens, os desenhos, as pinturas, fotografias, colagens, esculturas, artesanatos e ainda há imagens

produzidas por outras ferramentas, como as tecnológicas, por exemplo, televisão, cinema, vídeos, inclusive, aqueles produzidos pelos nossos celulares. A linguagem visual é a produção de imagens e contextos por diferentes técnicas que transmitem informações.

Que atividades da linguagem visual você pode produzir junto com os estudantes da escola?

Há especialistas na sua comunidade que produzem alguma arte que se insere na linguagem visual? O que faz essa pessoa? Quais os significados dessa arte?

Linguagem corporal: O corpo é a primeira ferramenta que o ser humano utiliza para se comunicar. Através de seus gestos, de sua expressão corporal, somos capazes de transmitir nossos sentimentos e pensamentos. Existem várias manifestações de arte que são realizadas com o corpo, entre elas, a dança, as lutas, a magia e a manifestação de festas populares, rituais etc. Também é possível perceber que essas manifestações são diferentes por povo, por sociedades, por regiões brasileiras. Entre as diversas manifestações podemos evidenciar uma prática cultural do povo Xavante – a corrida de tora, que apresenta uma linguagem corporal, sendo uma manifestação cultural do povo Xavante.

Fig.37 - Corrida de tora do povo Xavante



Foto: Mônica Cidele da Cruz
Etapa Intermediária – Marãiwatsédé/2015
Arquivo:FAINDI/UNEMAT

Fig. 38 – Dança dos Mascarados – Poconé-MT



Fonte: <https://brasilimperdivel.tur.br/danca-dos-mascarados-pocone/>

Incluir arte no currículo escolar de maneira pedagógica intercultural, é conhecer as histórias e as diferenças dessas manifestações de arte.

Escolha uma atividade que apresente linguagem corporal do seu povo (dança, ritual, luta) e pense sobre ela... Observe os movimentos do corpo, a forma com que o corpo fala sobre o que está vivendo no presente e a memória da ancestralidade.

Na escola é importante que a criança conheça o seu corpo e que se apresentem atividades que movimentem o corpo desde a educação infantil, pois, trabalhar os movimentos do corpo com a criança contribui para a construção do equilíbrio, flexibilidade e aprenda sobre lateralidade, bem como, aprenda o movimento do corpo dentro da sua própria cultura.

Linguagem musical: Este tipo de linguagem é bastante interessante e, se você prestar bastante atenção, verá que a natureza produz uma infinidade de sons que podem ser compreendidos. Assim, podemos dizer que a natureza, que as águas nos falam. Os sons na natureza são produzidos de diferentes formas, pelos ventos, pela chuva, por trovões e outros sons que, se aguçarmos bem os nossos ouvidos, podem ser escutados. Há também outros

sons produzidos na cidade e estes, quando em excesso, causam a poluição sonora.

Assim, ritmos e sons fazem parte da linguagem musical, pois muitas vezes, esses sons são imitados por instrumentos e também outros sons são criados pela técnica da música.

Cada comunidade indígena tem sua própria linguagem musical e nela se inserem os cantos culturais realizados nas danças, festas tradicionais, cerimoniais de funeral, entre outros. Mas, conforme orientações do Referencial Curricular para Escolas Indígenas (1999), é importante ter conhecimento da história da música: música e instrumentos musicais de diferentes épocas e culturas. Conhecer diferentes estilos musicais, músicas folclóricas e cantigas de roda de outras culturas, bem como, as músicas regionais, é importante para a ampliação do conhecimento dos estudantes.

A linguagem musical interage com outros tipos de linguagem como a visual, a corporal, a dramática. Por exemplo, em Mato Grosso, existe uma manifestação cultural muito específica, que são as festas de santos populares, elas são feitas nas casas das pessoas e abertas ao público. Nesse tipo de festa, são feitas rezas ao santo, levantamento de mastro com acompanhamento de cururueiros, que são homens que fazem toadas em homenagem ao santo, sob o som da viola de cocho e do ganzá. Depois, dança-se o siriri, uma dança tradicional feita nessas festas nas cidades de Cuiabá, Poconé, Cáceres etc.

Atualmente, existem várias organizações de grupos cantantes e dançantes de siriri no estado de Mato Grosso, entre eles, Flor Ribeirinha de Cuiabá (Fig. 44) e Tradição de Cáceres (Fig. 45, 46 e 47).

Fig. 39 – Flor Ribeirinha



Fonte: https://files.agoramt.com.br/2017/08/grupo_flor_ribeirinha.jpg

Fig. 40, 41 e 42 – Grupo Tradição de Cáceres





Fonte: Elenir Antunes (nov./2019)

Foto: Rodrigo César de Oliveira

Quais são as manifestações culturais do seu povo que evidenciam a linguagem musical de sua comunidade? Que sentidos essa manifestação cultural tem para o seu povo?

Linguagem teatral: Este tipo de linguagem é utilizado nos textos teatrais e/ou dramáticos, estão presentes em apresentações dramatizadas. Ela contém uma encenação de algo imaginado, fictício ou encenação de algo verdadeiro. A linguagem teatral é resultado de textos, de narrativas encenadas. Essa linguagem é a arte de representar e interpretar uma história.

A linguagem ritual que acontece nas comunidades indígenas, apesar de terem aspectos dos outros tipos de linguagens, não se inclui em nenhuma delas, pois a linguagem ritual é própria da vivência dos povos originários e cumprem uma função social, cultural e cosmológica. Para Bourdieu (1989), trata-se de uma linguagem autorizada que produz diferenciação entre diferentes classes 'culturais', por exemplo, os rituais de passagem, como o ritual de iniciação Xavante, imprimem um novo habitus no menino Xavante. Assim, uma vez vivenciado o ritual Wapté Mnhõñõ, o menino Xavante já não pertence mais à classe anterior, pois passou pela iniciação do jovem Xavante.

A linguagem ritual é a prática da cultura, ainda que em muitas manifestações culturais haja encenação de um tempo ancestral. Essa linguagem utiliza da linguagem musical, corporal, teatral, inclui crenças, magias, pajelanças. Ela é a vivência da ancestralidade, da espiritualidade de muitos povos tradicionais.

Todas essas linguagens da arte podem estar presentes nos currículos escolares e é possível trabalhar cada uma delas no caminho da pesquisa, buscando conhecer a sua própria cultura, como também a cultura de outros povos é muito importante.

Estabelecer um diálogo com uma prática pedagógica que mostre as riquezas da arte dos povos indígenas que temos em território brasileiro, com igualdade e com respeito às diferenças, fará com que nossa visão de mundo seja ampliada.

É preciso reconhecer que existe uma variedade de produção de arte e, portanto, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas, outras comunidades tradicionais em diferentes lugares e cidades produzem diferentes tipos de artes. Assim, arte não pode ser considerada apenas o que está nos museus de artes e nos teatros, mas, todas as manifestações regionais, tradicionais. Desta forma, estaremos descolonizando a arte e Interculturalizando-a.

Quando encontrarmos lugar nos currículos escolares, não apenas para falar da arte erudita, aquela que está nos museus, nas telas, nas orquestras, nas escolas de artes, mas, trabalhar o corpo da criança, suas manifestações, fazermos músicas, criarmos e contarmos histórias, incluir as artes populares, em geral, estaremos promovendo a diversidade.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRASIL. Referencial Curricular para Escolas Indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1999.

BRASIL. Lei 11.645 de 20 de março de 2008.

FERREIRA, E. B. Olelê maculelê. Ed. Especial. Brasília: [s.n.], 1989.

FERREIRA, W. A. A. Educação Escolar Indígena na Terra Indígena Apiaká-Kayabi – em Juara-MT: Resistência e desafios. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2014.

FLORIANO, V. P. Letra da Música: Quebrando as correntes. In: Anais Vol. 1 (2017): KALUNGA, Juara-/MT, Brasil, 17-18 Novembro 2017, Laboratório de Estudos da Diversidade da Amazônia Legal - Campus de Juara, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - Unemat Editora. <http://siec.unemat.br/anais/!default/impressao-pdf>.

LIMA, J. L. Vila Bela da Santíssima Trindade- MT: sua fala, seus cantos. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2000.

PAIVA, I. P. A capoeira e os mestres. Tese de doutorado em ciências sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Natal, 2007.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

Biografia das autoras



Lori Hack de Jesus possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel – FECIVEL (1985). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT (2005). É Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Pesquisa, principalmente, sobre os temas das diversidades racial, indígena e de gênero. E-mail: lori.hack@unemat.br



Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira é Doutora pela UFGRs e docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (DE). Tem experiência na área de Educação, atuando nos seguintes temas: Educação Escolar Indígena, Educação Ambiental, Comunidades Ribeirinhas, Cultura, Pantanal e Currículo. É Professora do Curso de Pedagogia do Câmpus Juara/MT. Atualmente é Coordenadora Pedagógica do Curso de Pedagogia Intercultural da FAINDI/UNEMAT e professora do Programa de mestrado em Educação - PPGedu e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI/Barra do Bugres. E-mail: waldineiaferreira@unemat.br



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

